

Roberto Campos, a metamorfose do tecnocrata no político que vai buscar votos no interior

CUIABÁ (O GLOBO) — De calça e túnica azul berrante, o candidato a senador pelo PDS de Mato Grosso, embaixador Roberto Campos, conversa com um grupo de líderes políticos de Porto dos Gaúchos, uma cidadezinha do interior do Estado. Estão lá um agricultor, vereadores, um alfaiate e até um dono de bar, todos vestidos com simplicidade. Participa também o candidato a governador, Júlio Campos, um político jovem e populista, que, quando fala em comícios, sempre se apresenta como "o Julinho do povo".

Desde a última terça-feira, quando foi escolhido candidato ao Senado pelo PDS de Mato Grosso, a vida de Roberto Campos mudou totalmente.

O embaixador diz que já esqueceu sua mansão na tradicional Mount Street, perto do Hyde Park de Londres, onde recebia Ministros, diplomatas internacionais, chefes de Governo e dava festas para a sociedade britânica, com os melhores uísques e champanhas.

— Estou gostando da troca — comenta Campos — porque já tinha sido tentado várias vezes a transformar-me num político autêntico. E gostoso sentir a palpação do povo, conhecer seus problemas reais, longe do poder e da tecnocracia.

Roberto Campos parece realmente entusiasmado, embora às vezes se note que fica embaraçado com os abraços muito afetuosos e comentários de eleitores mais entusiasmados. Se, em Londres, era difícil o acesso ao seu gabinete na sede da Embaixada brasileira no seu escritório de Cuiabá entra quem quer.

AS DIFICULDADES

O candidato reconhece que precisa vencer muitas dificuldades. A maior delas é o longo tempo que passou fora do Estado onde nasceu, além da imagem aristocrática e de tecnocrata que sempre o acompanhou.

— O importante — diz Campos — é que sou de Cuiabá e nunca esqueci minha cidade. Estou viajando por todo interior e procurando conhecer as pessoas. Sei que é difícil passar dos macrop problemas da economia e da diplomacia internacionais para o microp problema do homem comum, mas estou corrigindo minha visão de prioridades, aprendendo a pensar a curto prazo e não só para o futuro distante, como fazem os tecnocratas. Afinal o povo tem razão, a longo prazo todos estaremos mortos.

Ele reconhece também que seu cami-

nho não foi o ideal, que deveria ter começado pela política, para depois, com a experiência adquirida, chegar aos cargos executivos: Apenas com este começo de campanha dá para ver que, em muitas cidadezinhas, o que preocupa às pessoas é a falta de televisão para ver a Copa, a falta de água, e a malária e não os problemas da crise do petróleo ou da energia nuclear.

A campanha de Roberto Campos está sendo coordenada pelo publicitário Mauro Cid, preocupado em mudar a imagem do embaixador e torná-lo popular.

Cid explica que "há também a satisfação que todos sentem, num Estado como Mato Grosso, quando alguns de seus filhos deixam o meio restrito para brilhar no cenário nacional ou mundial", como é o caso de Roberto Campos. Fenômeno que já aconteceu com os ex-presidentes Jânio Quadros e Gaspar Dutra, e com o senador Filinto Muller, todos de Mato Grosso.

— Por isso, há preocupação também de não desprezar a importância de Campos na vida brasileira, repetindo-se sempre que, com ele no Senado, Mato Grosso terá muito mais condições de reivindicar junto ao Governo Federal — acrescenta.

O QUE PRETENDE O POLÍTICO

Roberto Campos afirma que sua candidatura foi "a opção natural". Depois de ter sido ministro embaixador em Washington e em Londres, nada mais poderia almejar nestas áreas, que, afinal, nada mais são do que empregos de luxo. Falta-lhe o desafio de enfrentar uma eleição direta.

No Senado, caso eleito, Campos quer dedicar-se principalmente às áreas financeiras e de política internacional. Acha que "é o momento ideal de fazer essa opção, porque, com a progressiva democratização, aumentará a valorização dos políticos". Ele considera sua candidatura importante para diversificar a classe política e considera interessante a presença de "legisladores tarimbados no Congresso para tratar com a tecnocracia". O embaixador pensa que poderá propor soluções concretas para muitos problemas, "enquanto os políticos geralmente encampam sonhos".

Roberto Campos acredita que os políticos não estão tão cerceados na atividade parlamentar, e que o problema é de não se aproveitar as possibilidades que existem para atuar. Diz que o Congresso deixa de usar leis delegadas que poderiam conter a ação do Executivo, não usa corretamente o direito de fiscalização e poderia também aprovar orçamentos plurianuais de investimentos. Fala ainda que seria possível transferir verbas de um setor para outro.



O embaixador em campanha, com Figueiredo e (em segundo plano) Julio Campos